

# A HISTÓRIA É UM PROBLEMA ÉTICO

DOI: 10.5935/2177-6644.20160014

HISTORY AS AN  
ETHICAL PROBLEM

LA HISTORIA ES UN  
DIFICULTAD ÉTICA

Rodrigo dos Santos\*

BONA, Aldo Nelson. **História, verdade e ética**: Paul Ricoeur e a epistemologia da história. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

*História, verdade e ética* é uma importante obra para pensar o saber histórico, principalmente o trabalho do historiador. Como afirma Paulo Knauss no prefácio da obra: “Este livro está destinado a ocupar um lugar especial na bibliografia brasileira. No Brasil, ainda são poucos os que se dedicam ao estudo da teoria do conhecimento histórico” (p. 13). A partir desta obra compreendem-se inúmeros aspectos da concepção de Paul Ricoeur, sobre: narrativa histórica, objetividade, concepção de ética, ética no fazer histórico. Portanto, evidencia-se que a verdade na história é passível de múltiplas proposições de sentido. Nesse sentido, a história só passa a ter relevância social se o historiador tiver compromisso ético com seus leitores.

Para conhecer a obra é importante conhecer também o seu autor e a partir de onde ele escreve. Aldo Nelson Bona graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR em 1992, concluiu mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, em convênio com a Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, em 1997 e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF, em 2010. Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, desde 1994, onde atualmente exerce a função de reitor. O livro de Bona é

---

\* Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS/Laranjeiras do Sul. E-mail: digao\_santos9@hotmail.com

resultado de sua tese de doutorado, intitulada: *Paul Ricoeur e uma epistemologia da história centrada no sujeito*.

O livro *História, verdade e ética* de Bona está dividido em seis capítulos. O primeiro capítulo foi denominado de: *Do saber seguro de si à insegurança do saber: crise epistemológica da ciência história*. Neste capítulo o autor aponta – a partir de José Ortega y Gasset – a noção de crise, de como o saber histórico encontrava-se seguro, pautado numa verdade absoluta, e posteriormente passou-se ao incerto. Como podemos verificar: “José Ortega Y Gasset por ocasião [...] considerou um dos momentos mais deprimentes da história do pensamento ocidental, a saber, o momento em que Galileu Galilei ajoelha-se frente ao Tribunal da Inquisição para abjurar suas ideias” (p. 42). A partir de Ortega y Gasset, Bona aponta uma crise nas ciências humanas, especialmente a história, enfatizando que neste contexto é que as melhores soluções epistemológicas podem ser encontradas para o avanço da ciência. Para Bona, Paul Ricoeur apresenta soluções para entender a crise e a superar, pois como destaca: “Nosso entendimento, que será melhor explicitado ao longo deste trabalho, é o de que toda a obra de Ricoeur é uma grande interrogação sobre o sujeito e que a centralidade dessa noção está na base da construção de uma nova epistemologia para as ciências humanas como um todo e para a história em particular” (p. 63).

No segundo capítulo da obra de Bona, o objetivo é tratar do percurso de Ricoeur, enfatizando o sujeito como elemento para superação da crise histórica. Como pode ser verificado:

[...] julgamos agora importante fazer uma análise da trajetória intelectual desse filósofo francês contemporâneo, discutindo em que medida sua obra é uma interrogação sobre o sujeito em um constante processo de diálogo com interlocutores presentes e imaginários. Todo o seu pensamento é um esforço constante de promover o diálogo entre posições antagônicas, mostrando que elas se complementam (p.69).

Para Bona, Paul Ricoeur foi o sujeito da contradição, da junção de teorias aparentemente antagônicas. O pesquisador foi marcado por uma subjetividade interior que refletia em seus escritos. Nascido em 23 de fevereiro de 1913, Ricoeur foi criado por seus avós e uma tia, com seus pais falecidos: a mãe logo ao nascer e seu pai morto em batalha na Primeira Guerra Mundial em 1915. Ricoeur desde muito cedo inclinou-se aos estudos. Além disso, teve a visão de seu pai como um herói que defendeu sua Pátria. A

contradição da vida de Ricoeur ocorreu quando foi convocado para servir o exército na Segunda Guerra Mundial, ficando preso em cativeiro por cinco anos. Neste evento percebeu que a guerra não era um evento prazeroso.

Segundo Bona, alguns acontecimentos marcaram a vida de Ricoeur: “Após a sua saída de Edimburgo, que ele considerou como semanas luminosas sob todos os aspectos, Ricoeur viveu uma situação limite que desafiará seu pensamento: o suicídio do seu quarto filho” (p. 90). Além da morte de um de seus filhos, a morte de seu amigo Mircea Eliade, quase ao mesmo tempo, foi um evento marcante. Outro evento que frustrou Ricoeur foi o fato da sensação de seu pai nunca envelhecer, retratado ainda jovem em uma fotografia que ficava exposta na estante de sua casa.

No terceiro capítulo intitulado *Em busca de um saber possível: Hermenêutica na história*, Bona dedica-se a explicar o método de Ricoeur, a hermenêutica, destacando: “O intuito deste capítulo é avaliar as contribuições de Ricoeur ao desenvolvimento da hermenêutica e a renovação que ele promove em sua história, numa perspectiva de retomada e de superação do horizonte fenomenológico de E. Husserl” (p. 98). O método é a hermenêutica, o método da interpretação em busca de uma finalidade, a compreensão de si e do mundo, a partir da teoria do texto e da ação.

No quarto capítulo intitulado *Expressão do saber possível: história como narrativa*, de Bona mergulha nas discussões sobre narratividade na história, especialmente o seu papel narrativo, as discussões sobre narrativa ficcional e narrativa história. A contribuição do capítulo refere-se ao conceito de representância, como destaca Bona: “É nesse contexto de discussão que Ricoeur lança mão do conceito de representância, para designar as relações entre a narrativa histórica como um passado ao mesmo tempo abolido e preservado em seus rastros” (p. 178). O passado não é passível de representação em sua totalidade, parte-se do passado para dar outro sentido à ele, criar uma representância desse passado, não como ele aconteceu, mas como é possível verificar a partir dos vestígios históricos. Como alerta o autor, “O que Ricoeur deseja com a utilização deste conceito é problematizar a própria noção de realidade aplicada ao passado, questionando a dicotomia posta entre real e irreal” (p. 178). A hermenêutica trabalha com a interpretação do texto perante o próprio texto e a narrativa trabalha com a ideia que narrando o texto, o autor narra a si mesmo, problematizando o sujeito.

No capítulo cinco, *Um ancoradouro confiável ao saber: memória como fonte*, apresenta o fazer histórico e a memória. Segundo Bona, “Em diferentes momentos de sua obra

mais recente, Ricoeur admite que o problema da memória surgiu para ele tardiamente, mas lança desafios que devem ser enfrentados tanto pelo filósofo como pelo historiador” (p. 195). Segundo Ricoeur, na interpretação de Bona, a memória é a única garantia do ocorrido, do acontecido. Bona ressalta que a memória é importante pra construção do conhecimento histórico, mas não é qualquer tipo de memória, é a justa memória: “Na relação entre história e memória nenhuma prioridade e nenhuma superioridade pode ser atribuída a uma ou a outra, embora caiba à primeira o exercício regulado da segunda, atento aos usos e abusos” (p. 233). Portanto, memória e a história não podem ser entendidas como sinônimos, a memória deve ser submetida à crítica feita pelo historiador, enquanto pesquisador.

No último capítulo da obra *Saber comprometido com a fidelidade do real: verdade como problema ético*, o autor aborda com maior profundidade a sua tese:

Chegamos agora ao ponto central da proposta deste trabalho [...] Esta discussão em torno da verdade carrega, de nosso ponto de vista, as reflexões sobre a subjetividade e a objetividade do conhecimento histórico, além da problemática da distinção entre história e ficção e da relação entre memória e história (p. 238).

Neste capítulo Bona apresenta a definição de ética como a ciência da condução e como a teoria da moral. O autor aponta que o primeiro trabalho de Ricoeur a contemplar a ética foi a obra *História e Verdade*. Além disso, apresenta um compromisso do historiador, pesquisador com o fazer histórico: “Existe no trabalho de todo historiador, mesmo que de forma tácita, uma espécie de promessa de fidelidade” (p. 249). Não se trata de uma objetividade, ética das ciências naturais, mas uma objetividade em sua subjetividade, uma subjetividade “boa”. Nesta perspectiva o historiador é um questionador de documentos e não um ordenador, um sujeito passível de análises e de múltiplas interpretações, pois como aponta o autor: “O julgamento do historiador não é dessa natureza e não pode querer encerrar o debate e deter a controvérsia. Pelo contrário, trata-se de um julgamento que se reconhece parcial e produto de uma forma de interpretação” (p. 276).

Apesar disso, Bona aponta que a questão da ética em Ricoeur não é bem acabada, não aparece articulada em toda sua obra. Apesar de um pequeno espaço dedicado a ela, a temática perpassa todas as suas obras como um pano de fundo: “A própria hermenêutica tem sua origem numa questão ética” (p. 262). Ainda sobre a ética, Bona

aponta as fontes e a verdade: “[...] na medida em que todos os cidadãos não partilham das mesmas fontes, de forma que não existe ‘igualdade de informações’, entre os atores de interação epistemológica” (p. 277). Portanto, a única garantia de verdade é a ética: “Daí por que um argumento falseador bem construído pode ser facilmente tomado como verdadeiro. Mais uma vez o fundamento da verdade é ético” (p. 277).

A obra de Aldo Nelson Bona aponta para grandes contribuições no campo da história. O primeiro e talvez um dos mais importantes refere-se ao fato de que mesmo Ricoeur não possuindo claramente uma sistematização de uma epistemologia da história, foi possível visualizar uma proposta. Além disso, debateu temas cruciais para o historiador, como: sujeito, memória, história, ficção, verdade e ética, possibilitando um aprofundamento do debate.

Recebido em: 19 de dezembro de 2014.

Aprovado em: 17 de agosto de 2015.